

# *Quando eu voltar a ser criança*

JANUSZ KORCZAK



Do original em língua polonesa  
*KIEDY ZNÓW BĘDĘ MAŁY*  
Copyright © 1981, 2022 by Janusz Korczak  
Direitos desta tradução adquiridos por Summus Editorial

Editora executiva: **Soraia Bini Cury**  
Revisão: **Janaína Marcoantonio e Raquel Gomes**  
Tradução: **Yan Michalski**  
Capa: **Luísa Gimenez [Studio DelRey]**  
Projeto gráfico: **Gabrielly Silva | Origem Design**  
Diagramação: **Crayon Editorial**

Esta capa foi produzida na Turma 3 do curso Real Job Capa de Livro,  
ministrado por Delfin na LabPub em 2022

A Summus Editorial agradece a colaboração do Consulado-Geral  
da República da Polônia (São Paulo) e da Agência Polonesa de  
Autores na obtenção do original em polonês e na autorização  
para sua tradução, cuja propriedade fica reservada à Editora

## **Summus Editorial**

Departamento editorial  
Rua Itapicuru, 613 – 7º andar  
05006-000 – São Paulo – SP  
Fone: (11) 3872-3322  
<http://www.summus.com.br>  
e-mail: [summus@summus.com.br](mailto:summus@summus.com.br)

Atendimento ao consumidor  
Summus Editorial  
Fone: (11) 3865-9890

Vendas por atacado  
Fone: (11) 3873-8638  
e-mail: [vendas@summus.com.br](mailto:vendas@summus.com.br)

Impresso no Brasil

# Sumário

Apresentação à edição brasileira — <i>Tatiana Belinky</i> . . . . .	7
Ao leitor adulto . . . . .	11
Ao leitor jovem . . . . .	13
Prólogo . . . . .	15
Primeiro dia . . . . .	23
Segundo dia . . . . .	67
Malhado . . . . .	103
Amor . . . . .	141
Dias cinzentos . . . . .	175

# Apresentação à edição brasileira

*A vida inteira* de Janusz Korczak (Henryk Goldszmit) foi uma luta em favor da criança, em defesa dos seus direitos humanos, do respeito que lhe é devido em casa, na escola, na rua, no orfanato ou seja lá onde for. Janusz Korczak foi um batalhador pela causa que escolheu, grande e justa causa que exigiu dele estudos e pesquisas de cientista, criatividade de poeta, combatividade de jornalista e coragem de inovador. Mas que, principalmente, exigiu dele o que mais ele tinha para dar: amor — um amor sem limites por todas as crianças, mas em especial pelas crianças desamparadas. Amor que ele vivenciou até as últimas consequências, como um justo, como um santo.

Janusz Korczak deveria ter o seu retrato em lugar de honra em todas as escolas do mundo, deveria existir um “Dia Internacional de Janusz Korczak”, para que todas as crianças pudessem comemorar a data em homenagem a este homem — médico, humanista, professor, educador, escritor, reformador — que foi o seu maior amigo. E que disso deu prova em toda a sua vida, que culminou na prova maior: sua morte de herói e mártir da causa da criança. Porque Janusz Korczak, que teve oportunidade de ser retirado do gueto de Varsóvia, onde fora confinado com as duzentas crianças do seu orfanato por ser judeu, recusou a salvação e preferiu ser arrastado ao famigerado campo de concentração de Treblinka, para morrer assassinado pelos nazistas junto com as crianças que não quis abandonar.

Janusz Korczak escreveu muito: artigos científicos, ensaios psicológicos, panfletos, contos, peças de teatro — e livros para e sobre crianças. Este *Quando eu voltar a ser criança* é um deles.

A obra, que é uma espécie de “ficção psicológica”, está escrita na primeira pessoa, como o relato de um professor primário que, cansado dos seus problemas de mestre-escola e adulto, se lembra com saudade da decantada “aurora da minha vida” e magicamente volta à infância; volta a ser criança, mas sem perder a memória de adulto. E então, passando pela experiência de alguns dias na vida de um garotinho, ele descobre que ser criança — mesmo uma criança de classe média, bem alimentada, com pais vivos, lar, irmãzinha, brinquedos — não é nenhum mar de rosas. São tantas as dificuldades! Fora alguns momentos bonitos — um claro dia de neve, um “namoro” infantil, um cachorrinho encontrado na rua —, são tantos os problemas! Tantas incompreensões, arbitrariedades, autoritarismo, injustiças, violências morais e físicas que a criança tem de suportar, calada e submissa. Até as manifestações de “carinho” de certos adultos são tantas vezes grosseiras, desagradáveis e humilhantes...

“Para nós não existe direito nem justiça, somos uma classe oprimida”, escreve o “pequeno autor”. No mundo dos adultos, a criança “não tem importância”: é tratada com desatenção, menosprezo, impaciência. Eles sempre têm mais o que fazer do que se incomodar com as “puerilidades” infantis. Qual é o adulto que entende que, “se ele me deu os patins de presente, se o presente é meu, então posso fazer o que quiser com eles”? (No caso, trocar os patins com um colega por um cobiçado estojo.) Qual é o adulto que compreende que uma criança pode querer ficar triste — “A tristeza não é ruim, é um sentimento suave e agradável” — sem que isso seja causa de reprimendas e “cobranças”? Quem entre os adultos reconhece a sexualidade infantil, o amor de uma criança por outra? Ou respeita as lágrimas infantis? Por que eles não entendem que os vidros quebram, as molas (do sofá) arrebentam, as calças rasgam — e não é por perversidade proposital da criança?

Os exemplos são muitos neste livro tão cheio de compreensão da alma infantil, de ternura e delicado humor. Um livro aparentemente dirigido às crianças, mas que de fato se dirige aos adultos

.....( *Quando eu voltar a ser criança* ).....

— pais, mestres, parentes, educadores — e coloca diante deles um espelho impiedoso, mas capaz de abrir os olhos, ainda que seja apenas os dos menos empedernidos... Só por isso já valeria a pena lê-lo. Mas não só por isso: *Quando eu voltar a ser criança* é também uma leitura amena e agradável, em que pese a seriedade e importância do seu conteúdo.

TATIANA BELINKY

# Ao leitor adulto

## *Vocês dizem:*

— Cansa-nos ter de conviver com crianças.

Têm razão.

Vocês dizem ainda:

— Cansa-nos porque precisamos descer ao seu nível de compreensão.

Descer, rebaixar-se, inclinar-se, ficar curvado. Estão equivocados.

— Não é isso que nos cansa, e sim o fato de termos de nos elevar até alcançar o nível dos sentimentos das crianças.

Elevar-nos, subir, ficar na ponta dos pés, estender a mão.

Para não machucá-las.

# Ao leitor jovem

**Vocês não encontrarão** nesta novela aventuras palpitantes. É uma tentativa de novela psicológica.

Em grego, *psyche* quer dizer *alma*.

O assunto deste relato é aquilo que acontece na alma do homem: o que ele pensa, o que sente.



# Prólogo

## *Foi assim:*

Estou deitado na cama, mas não estou dormindo. Então me lembro de que quando era pequeno pensava muitas vezes sobre o que faria quando ficasse grande.

Fazia muitos planos.

Quando for grande, construirei uma casinha para os meus pais.

Vai ter um pequeno jardim. Então, vamos poder plantar árvores nele: pereiras, macieiras, ameixeiras. E vou semear flores. De tal maneira que, quando umas estiverem murchando, outras desabrocharão.

Comprarei uma porção de livros ilustrados, ou sem ilustrações, mas que sejam interessantes.

Comprarei tintas, lápis de cor. Vou desenhar e pintar. Tudo que estiver vendo, irei pintando.

Vou tomar conta do jardim, e vou construir um caramanchão.

No caramanchão vou botar uma cadeira, uma poltrona com apoios para os braços. O caramanchão estará coberto de trepadeiras, e quando papai voltar do trabalho será bom ele ficar confortavelmente sentado à sombra. Ele vai botar os óculos e vai ler o jornal.

E mamãe? Mamãe vai ter galinhas. E haverá um pombal, em cima de um tronco alto, para nenhum gato ou outro malandro fazer estragos.

E haverá coelhos, também.

Terei uma gralha e tentarei ensiná-la a falar. Terei um pônei e três cachorros.

Às vezes quero ter três cachorros, outras vezes quatro. Já sei até como eles vão se chamar. Mas vamos ficar com três: um cachorro

para cada um de nós. O meu vai se chamar Joli, mas deixe mamãe e papai dar aos outros os nomes que eles quiserem.

Para mamãe, um pequeno cachorrinho, bem doméstico. Mas se ela preferir um gato, tudo bem. Ou então um cachorro e um gato. Acabarão se dando bem, e comendo na mesma cumbuca. Para o cachorrinho, uma fita vermelha; para o gato, azul.

Cheguei a perguntar um dia:

— Mãe, fita vermelha fica melhor num cachorro ou num gato?

E ela disse:

— Você rasgou a calça outra vez.

Ao papai, perguntei:

— Todo velhinho precisa de um banquinho embaixo dos pés quando fica sentado?

Papai disse:

— Todo aluno deve tirar boas notas, e não deve ficar de castigo.

Então deixei de perguntar. Passei a deduzir as coisas sozinho.

Que tal uns cães de caça? Vou caçar, trarei a caça para casa, darei para mamãe. Caçarei até um javali, claro que não sozinho, mas com meus amigos. Meus amigos estarão grandes, também.

Tomaremos banho no rio. Fabricaremos uma canoa. Se meus pais quiserem, os levarei para passear.

Terei uma porção de pombos. Escreverei cartas e mandarei os pombos entregá-las. Meus pombos serão pombos-correio.

A mesma coisa para as vacas. Um dia acho que uma será suficiente, outro dia penso que precisarei de duas.

Quando tivermos as vacas, haverá leite, manteiga, queijo. E as galinhas botarão ovos.

Depois teremos colmeias. Abelhas e mel. Mamãe fará conservas de ameixa para servir às visitas durante todo o inverno, e preparará diversas geleias.

Haverá uma floresta. Passarei um dia inteiro na floresta. Levarei comigo tudo que for preciso para passar o dia. Catarei framboesas,

morangos silvestres e depois cogumelos. Deixaremos secar os cogumelos para poder conservá-los.

Cortarei muita, muita lenha, para atravessar o inverno. Assim não sentiremos frio.

Vamos cavar um poço bem fundo, até achar uma água limpa, cristalina. Mas será também preciso comprar muitas coisas: sapatos, roupas. O pai já estará velho, não poderá ganhar muito dinheiro. Mas eu poderei, sim, senhor.

Atrelarei um cavalo e levarei para a feira frutas, verduras, tudo que estiver sobrando. Em compensação, vou comprar tudo de que a gente precisar. Vou barganhar bastante, para poder comprar barato.

Ou então vou encher cestas e mais cestas com maçãs, e pegarei um navio para visitar países longínquos. Nos países quentes existem figos, tâmaras, laranjas em tal quantidade que o povo já nem acha graça. Eles comprarão minhas maçãs. E eu comprarei as frutas deles. Além disso, comprarei um papagaio, um macaco e um canário.

Acabo sem saber se eu acreditava mesmo nisso tudo. Mas era agradável arrumar as coisas na cabeça desse modo.

Às vezes eu chegava até a saber a cor do cavalo: se seria baião ou tordilho. Mas acontecia de eu ver um cavalo qualquer e pensar: “É um assim que eu vou querer, quando ficar grande”. E logo depois via um outro e pensava: “Não, este aqui será melhor”. Ou então: “Deixe-me ficar com os dois — este e aquele”.

Ou então fico pensando em outras coisas.

Fico imaginando que sou um professor. Reúno uma porção de pessoas e digo:

— É preciso construir uma boa escola. Uma que não seja apertada, para a gente não precisar se empurrar, pisar um no outro, esbarrar.

As crianças chegam à escola e eu pergunto:

— Adivinhem o que vamos fazer?

Um responde:

— Vamos fazer uma excursão.

Outro diz:

— Vai ter projeção de filmes.

Falam isso, falam aquilo.

E eu:

— Não, não. Tudo isso vamos ter também, mas além disso teremos coisa mais importante.

E só quando se tiverem acalmado anunciarei:

— Vou construir uma escola para vocês.

Invento, então, diversos obstáculos. Por exemplo: a escola, já quase pronta, desaba ou pega fogo. É preciso começar tudo de novo, mas, só para chatear, construo uma que será melhor ainda.

Sempre imaginei tudo com obstáculos. Quando viajo de navio, há uma tempestade. Se sou um chefe guerreiro, começo sofrendo derrotas e só no final conquisto a vitória.

Porque, quando tudo sai bem desde o início, a coisa fica chata. Mas então ao lado da escola há uma pista de patinação. Temos quadros, mapas, instrumentos, aparelhos de ginástica, animais empalhados.

Chegam as férias, mas na porta da escola reúnem-se meninos e meninas que gritam:

— Deixem a gente entrar! Não queremos férias, queremos ir à escola!

O bedel fica discutindo com eles, mas não adianta. E eu fico na minha sala, não sei de nada, porque estou preenchendo uns papéis. Mas eis que chega o bedel. Ele bate na porta, e eu digo:

— Pode entrar.

E ele:

— Senhor diretor, as crianças se rebelaram, não querem férias.

Respondo:

— Não se preocupe, vou logo acalmá-las.

Chego à porta. Estou sorrindo. Não estou zangado. Explico:

— Férias são férias. Os professores precisam descansar. Porque quando estão cansados ficam irritados e gritam com as crianças.